

## DE UMA EXPOSIÇÃO INESPERADA E BELA

Antonio José B. de Menezes Jr.<sup>1</sup>

---

Resenha do livro: HARRISON-HALL, Jessica. *China: uma história em objetos*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

A obra de Jessica Harrison-Hall, chefe da seção chinesa do British Museum, intitulada *China: uma história em objetos* oferece um amplo e rico panorama da produção artística e cultural chinesa ao longo de cinco mil anos. O livro está organizado em seis capítulos, nos quais a autora delimita períodos históricos representativos dentro da complexa historiografia chinesa, apresentando as diversas artes e técnicas desenvolvidas pelos chineses. Seguindo essa cronologia simplificada, vamos percorrer os capítulos dando mais alguns breves aportes.

No capítulo 1, intitulado “Os primórdios da China (5000–221 a.C.)”, a autora abarca um extenso período de tempo, desde as culturas neolíticas até a unificação do império em 221 a.C. Na origem da civilização chinesa, concorrem a narrativa mitológica, preservada nos antigos anais históricos sobre as primeiras dinastias, e o registro arqueológico, resultado de intensas pesquisas realizadas desde as primeiras décadas do século XX. Interessante que, em alguns casos, a narrativa mitológica e o registro arqueológico coincidem de forma admirável.

No campo do registro arqueológico, destacam-se as culturas neolíticas de Yangshao (5000–3000 a.C.) e Longshan (2600–1900 a.C.), a primeira caracterizada por uma cerâmica rústica de cor vermelha e temas geométricos (lembrando a nossa cerâmica marajoara) e a segunda, por uma cerâmica refinada e muito leve, de cor preta. A passagem de Yangshao para Longshan, culturas localizadas em larga medida no mesmo território junto ao Rio Amarelo, denota uma acentuada evolução técnica e estética, que irá se refletir também na produção de objetos de jade e, posteriormente, nas grandes peças rituais de bronze das primeiras dinastias chinesas. Ainda neste tópico, vale destacar as recentes escavações em Sanxingdui, que revelaram misteriosas máscaras de ouro de grandes proporções (ver ilustração 6, p. 19).

No campo da narrativa mitológica, esta identifica na origem da civilização chinesa a figura dos “Três Augustos” e dos “Cinco Soberanos” (三皇五帝), sendo os primeiros responsáveis pela geração da espécie humana,

---

1 Professor de Poesia Chinesa e Sinologia do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: antonio.menezes@usp.br

pelo ensino da agricultura, da caça e da pesca etc., enquanto os segundos formam um grupo de imperadores modelares, dotados da mais alta virtude, dentre os quais se destaca o famoso “Imperador Amarelo” (黃帝), criador da medicina tradicional chinesa. Seguem-se então as três primeiras dinastias: dinastia Xia (夏, c. 2070–c.1600 a.C.), dinastia Shang (商, c.1600–1028 a.C.) e dinastia Zhou (周, 1028–256 a.C.). Embora a dinastia Xia seja mencionada nos antigos anais históricos, não foram encontradas evidências materiais de sua existência, diferentemente da dinastia Shang e da dinastia Zhou, possuindo esta última uma infinidade de documentos escritos. Por esse motivo, costuma-se chamar a dinastia Xia de “dinastia mítica”, a dinastia Shang de “dinastia arqueológica” e a dinastia Zhou de “dinastia histórica”. Contudo, a questão da existência da dinastia Xia permanece em aberto, e há teorias que postulam a coexistência da dinastia Xia e da dinastia Shang, de tal forma que alguns objetos identificados como sendo de Shang poderiam ser na verdade de Xia. Evitando tais polêmicas sinológicas, a autora prudentemente inicia sua cronologia com a dinastia Shang, logo no início da Era do Bronze.

No capítulo 2, intitulado “Impérios (221 a.C.–960 d.C.)”, a autora examina a cultura material e artística das primeiras dinastias do império chinês. Seguindo em nossa cronologia, em 221 a.C., o imperador Qin Shi Huang unifica o fragmentado território da dinastia Zhou e funda uma nova dinastia, a dinastia Qin (秦, 221–206 a.C.), dando início ao sistema imperial que irá perdurar até 1911. Por esse motivo, Qin Shi Huang Di será conhecido como o “primeiro imperador”, autor dos primeiros sistemas defensivos, cujo conjunto será conhecido como “A Grande Muralha”, e de um vasto mausoléu composto por milhares de soldados de terracota, cuja função seria proteger o imperador na vida além-túmulo. O custo excessivo dessas grandes obras e o estilo marcial do primeiro imperador levaram ao colapso da dinastia, sendo sucedida pela dinastia Han (漢, 206 a.C.–220 d.C.).

A dinastia Han será uma dinastia longa e próspera, na qual o sistema imperial será consolidado por meio da ideologia confuciana, definindo assim a identidade da cultura chinesa. A dinastia Han será também o modelo para outros países do Extremo Oriente, a saber, Japão, Coreia e Vietnã, que irão receber da China dois grandes aportes culturais: o confucionismo e a escrita logográfica (sinogramas). Após o fim da dinastia Han, segue-se um período de disputas e fragmentação, superado apenas pela breve dinastia Sui (隋, 581–618), a qual será sucedida por outra dinastia longa e próspera, a dinastia Tang (唐, 618–907). A dinastia Tang será uma dinastia exuberante e cosmopolita, em razão do intenso comércio proporcionado pela Rota da Seda. Nesta importante ligação com o Ocidente, via Oriente Próximo e Ásia Central, bem como com a Índia, circularam também as mais diversas formas e expressões culturais. Foi principalmente

pela Rota da Seda que o budismo, originário da Índia, chegou à China. O principal testemunho da influência estética do budismo na China nesse período é o impressionante conjunto de afrescos nas cavernas da região de Mogao (ver pp. 78 e 79). Interessante notar que na dinastia Tang surge uma nova escola de budismo na China, o budismo Chan (禪, em japonês Zen), que se tornará muito popular no Japão, marcando profundamente a estética e a vida nipônicas.

No capítulo 3, intitulado “Imperadores, eruditos e comerciantes (960–1279)”, temos a extraordinária dinastia Song (宋, 960–1279), com suas duas capitais: primeiro, Kaifeng, ao norte, e depois Hangzhou, ao sul. Localizada historicamente em meio a dois períodos de fragmentação política, a dinastia Song possui um elo de ligação e continuidade com a arte da dinastia Tang. Os objetos de cerâmica da dinastia Song revelam um estilo de vida muito sofisticado, e a pintura de paisagens evolui de forma admirável. Alguns autores afirmam que o período da dinastia Song do Sul, com a capital em Hangzhou, teria sido uma das épocas mais felizes da China.

No capítulo 4, intitulado “Mongóis e Ming (1271–1644)”, temos a dinastia Yuan (元, 1271–1368), a primeira dinastia em que a China é governada por uma etnia não chinesa (não han), ou seja, a etnia mongol. O vasto império mongol que conquistou quase toda a Ásia e quase varreu a Europa, subdividiu-se em quatro khanatos, sendo que a dinastia Yuan corresponde basicamente a um desses khanatos. É nesta época que o veneziano Marco Polo chega à China, pela Rota da Seda, e vive na corte do imperador Kublai Khan (reinado 1260–1294), neto de Genghis Khan (c. 1162–1227), o fundador do império mongol. Os relatos dessa incrível viagem foram recebidos na Europa como algo fantasioso, pois era difícil de acreditar que nos confins do mundo existisse outra civilização tão ou mais desenvolvida do que a europeia. Embora a elite mongol estivesse em permanente conflito com os eruditos chineses, vale observar que a produção chinesa de objetos e utensílios de cerâmica e laca, entre outros materiais, era muito apreciada pelos mongóis da dinastia Yuan, de tal forma que tais artes continuaram a ser aprimoradas de forma quase ininterrupta.

Com o enfraquecimento dos khanatos, os mongóis na China foram derrotados por uma grande revolta de origem camponesa e que restaurou a ordem chinesa han, dando origem à dinastia Ming (明, 1368–1644). Ao lado da dinastia Han, da dinastia Tang e da dinastia Song, a dinastia Ming será a última desta série de dinastias chinesas de grande esplendor cultural. Os dois grandes destaques desse período no campo das artes são a construção do Palácio Imperial (Cidade Proibida) e a indústria da porcelana. Em 1421, o imperador Yongle transferiu a capital do império de Nanjing para Beijing (a antiga Dadu, capital da dinastia Yuan), onde edificou sobre o antigo palácio dos mongóis um novo palácio, formado por um enorme

complexo de prédios e jardins. Contudo, a “marca registrada” do período Ming será a sua característica porcelana azul e branca. Desenvolvida ao longo das dinastias anteriores, a porcelana se tornará o principal produto de exportação da China, ao lado seda e do chá verde (*Camellia sinensis*).

No capítulo 5, intitulado “Qing: a última dinastia (1644–1911)”, temos o capítulo final do sistema imperial chinês, exaurido por uma série de conflitos comerciais e militares no quadro do projeto neocolonial europeu e das disputas geopolíticas entre Rússia e Japão. As disputas comerciais resultaram nas infames Guerras do Ópio (na qual a cessão de Hong-Kong para os britânicos foi o principal butim de guerra), enquanto o progressivo esvaziamento da soberania chinesa teve sua brutal reação na terrível Revolta dos Boxers (1899–1901). Paralelamente, a porcelana evoluiu para formas de um colorido vivo, e a arte da laca e do *cloisonné* sofisticaram-se ainda mais. Interessante que, desde o século XVIII, a admiração pelos artefatos chineses era tamanha na Europa que deu origem a uma indústria de imitação local, num estilo que ficou conhecido como *chinoiserie* ou “chinesice” em português. Um bom exemplo é a famosa cerâmica de Monte Sião (MG), que seria uma adaptação rústica da antiga porcelana azul e branca da dinastia Ming, ou seja, uma chinesice muito brasileira. Também vale lembrar que nessa época a língua inglesa criou a palavra *china-ware* para designar a louça branca de uso diário.

No capítulo 6, intitulado “A China moderna (1911–presente)”, a autora caminha pelo turbulento século XX, em cuja primeira metade o projeto republicano de Sun Yat-sen não consegue se consolidar, e na segunda metade do século as contradições do regime maoísta, após a revolução de 1949, exacerbam os problemas socioeconômicos, historicamente muito difíceis. Somente após a flexibilização das políticas econômicas do governo Deng Xiaoping (1978–1992), “não importa a cor do gato, desde que pegue o rato”, é que a China começa a superar parte de suas grandes dificuldades e caminha para uma condição de potência neste início do século XXI. Nesse complicado contexto histórico, encontramos, de um lado, um grande esforço de preservação e recuperação das artes tradicionais (em meio a diversas ondas iconoclastas) e, de outro lado, uma forte influência do modernismo e do realismo socialista, bem como sua releitura a partir das formas da arte tradicional chinesa. Um importante exemplo deste último caso é o pintor Zhang Daqian (1899–1983), considerado um dos mais importantes artistas chineses do século XX (ver p. 328). Interessante que esse grande pintor viveu no Brasil entre os anos 1950 e 1970, num sítio em Mogi das Cruzes (SP). Nesse sítio, mestre Zhang construiu um magnífico jardim chinês chamado “Jardim das Oito Virtudes”. Infelizmente esse jardim desapareceu sob o lago de uma represa construída naquela região.

Em conclusão, a obra *China: uma história em objetos*, de Jessica Harrison-Hall, apresenta-se também como o catálogo de uma imensa exposição sobre arte chinesa, reunindo obras dos mais importantes museus e coleções, e suas transformações ao longo do tempo. Desta forma, o leitor poderá visitar e revisitar sem pressa cada uma das alas, deparando-se sempre, tal como Marco Polo, com algo inesperado e belo.